

BOLETIM DE CONJUNTURA

98

preços de venda

carteira de encomendas

estudo dos negócios

2019

3º TRIMESTRE

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

No terceiro trimestre de 2019, a conjuntura da indústria portuguesa de calçado melhorou: as respostas positivas ao Inquérito Trimestral de Conjuntura da APICCAPS superaram as negativas no que diz respeito à evolução da produção, da carteira global de encomendas, dos preços e do estado dos negócios, originando, em geral, os saldos mais favoráveis dos últimos dois anos. Na maioria destes aspetos, foram as empresas de pequena dimensão que avaliaram o trimestre mais favoravelmente.

Em consonância com esta melhoria da conjuntura, a percentagem de empresas a referir dificuldades financeiras diminuiu. As condições climatéricas, a escassez de mão de obra qualificada e o abastecimento em matérias-primas assumem maior destaque entre as preocupações setoriais que, no entanto, estão orientadas sobretudo para a angariação de encomendas no mercado internacional. No entanto, as previsões macroeconómicas que sugerem um reduzido dinamismo dos principais mercados das exportações nacionais constituem um desafio. As empresas receiam, por isso, que o último trimestre do ano seja menos favorável do que o agora terminado.

Publicação Trimestral editada pela



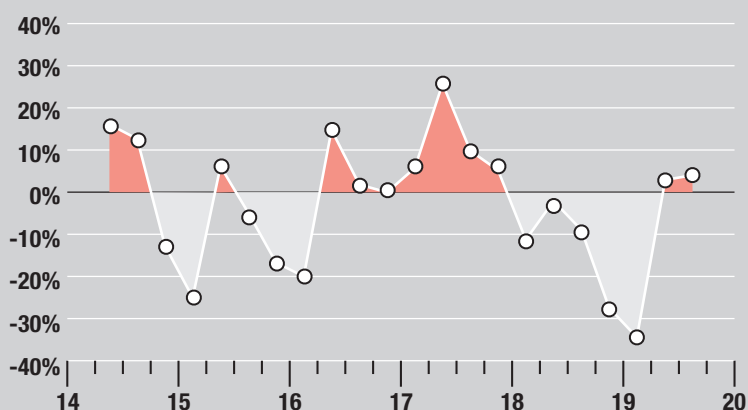
Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

Com o apoio do programa COMPETE

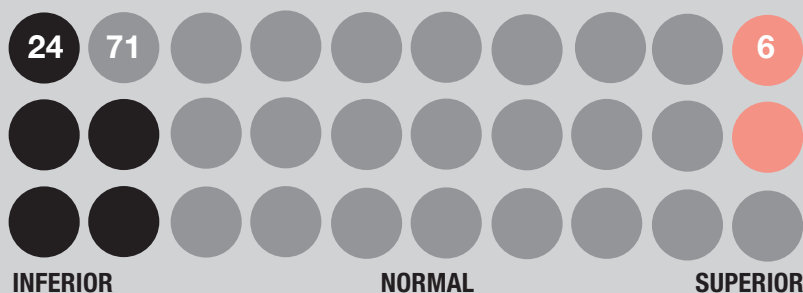
Coordenação Técnica
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

No terceiro trimestre, as empresas que registaram um aumento da produção superaram as que sofreram uma diminuição, gerando um saldo de respostas extremas (s.r.e.) positivo em 5 pontos percentuais (p.p.), o mais favorável desde o início do ano anterior. O crescimento da produção foi particularmente frequente entre as empresas com menos de 50 trabalhadores, que registaram um s.r.e. de +19 p.p., mas não ocorreu em nenhum dos inquiridos que empregam mais de 250 pessoas.



Utilização da Capacidade



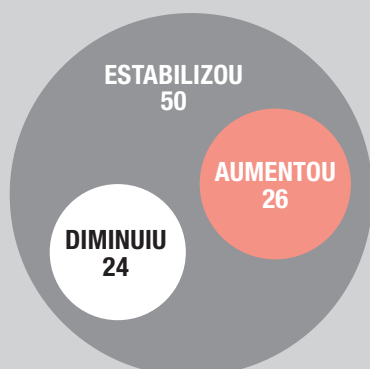
O nível de utilização da capacidade produtiva manteve-se sensivelmente inalterado face ao trimestre anterior: 71% das empresas dizem que foi normal para a época do ano e, entre as restantes, as que dizem que foi inferior ao normal excedem as que pensam o contrário (s.r.e. -17 p.p.). Também nesta matéria as respostas das empresas de pequena dimensão (s.r.e. -7 p.p.) são mais favoráveis do que as das suas congéneres de maior dimensão.

Carteira de Encomendas

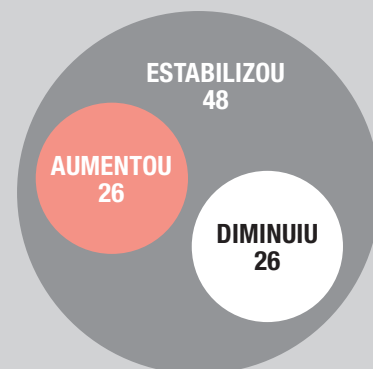
Pela primeira vez nos últimos dois anos, as empresas que afirmam que a sua carteira de encomendas aumentou superaram as que dizem que diminuiu, embora por pequena margem (s.r.e. +2 p.p.). As previsões formuladas no final do trimestre anterior eram mais pessimistas, apontando para que se verificasse o inverso. À semelhança das questões anteriores, as empresas de pequena dimensão foram as que tiveram uma evolução mais favorável.

Tal como as empresas previam, no trimestre transato, a carteira de encomendas vindas do estrangeiro parece ter estabilizado: 48% dos inquiridos dizem que assim aconteceu e os restantes repartem-se em igual número pelas indicações de aumento e diminuição da carteira. No entanto, entre as empresas que se dedicam exclusivamente à exportação, o saldo de respostas extremas é negativo (-15 p.p.).

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



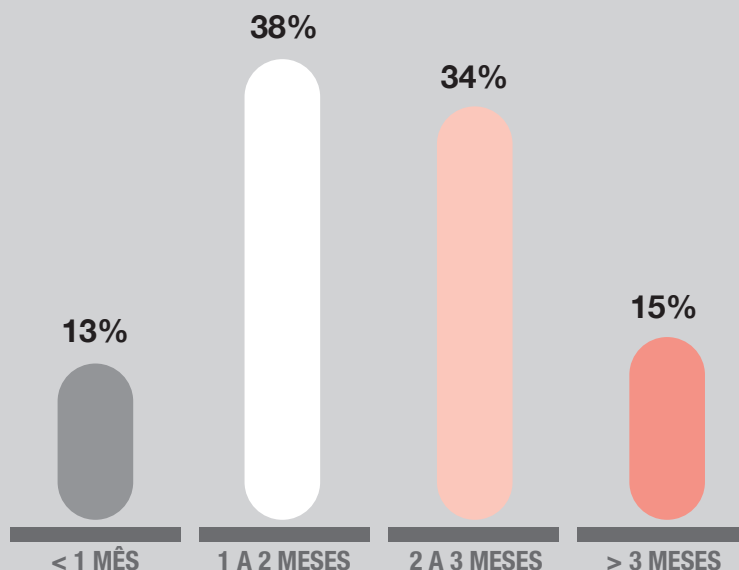
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

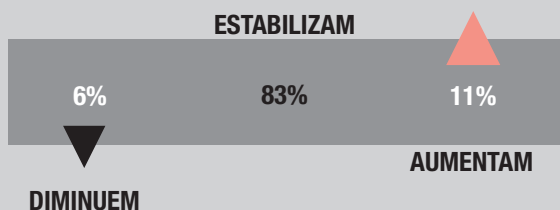
Quase metade das empresas (49%) afirma que a atual carteira de encomendas lhes assegura a atividade para, pelo menos, dois a três meses. Há mesmo 15% de inquiridos que dizem ter a produção garantida por mais de três meses. A percentagem dos que dizem ter menos de um mês de produção assegurada é em menor número, apenas 13%, sendo decrescente com a dimensão das empresas. Neste domínio, não se registou grande alteração face aos trimestres anteriores.



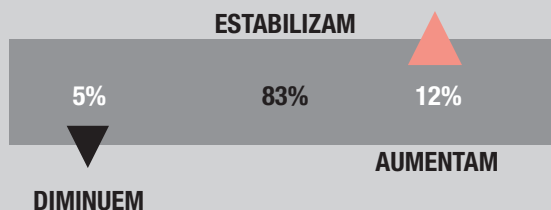
Preços

As respostas ao inquérito de conjuntura da APICCAPS indicam que, no terceiro trimestre, se verificou uma ligeira tendência de subida dos preços do calçado. Embora a larga maioria dos inquiridos afirmem que os preços permaneceram estáveis, tanto em Portugal (83%), como no estrangeiro (83%), as empresas que dizem que os preços subiram são mais do que as que afirmam que desceram: o saldo de respostas extremas é de +5 p.p. no que respeita ao mercado português e de +7 p.p. quanto aos mercados estrangeiros. Em ambos os casos, trata-se do resultado mais positivo do último ano e meio.

EM PORTUGAL



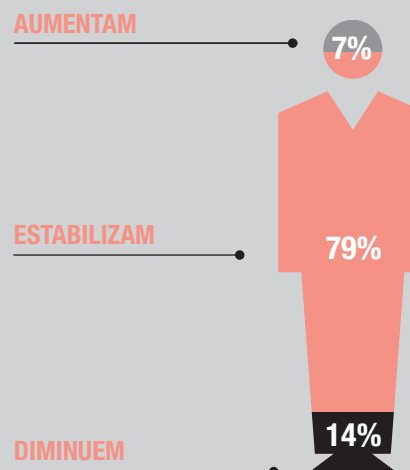
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

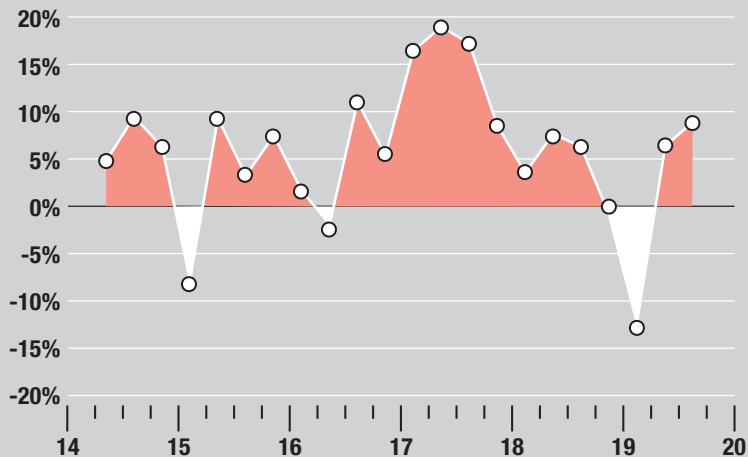
Ao contrário do que aconteceu nos aspetos anteriores, no trimestre agora terminado não se registou alteração na tendência de evolução do número de pessoas ao serviço da indústria: como habitualmente, a larga maioria das empresas (79%) afirmam que o seu nível de emprego não se alterou, sendo as que o reduziram (14%) em maior número do que as que o aumentaram (7%). Entre as empresas de maior dimensão, no entanto, o saldo de respostas extremas foi positivo.



Estado dos negócios

Fruto da evolução positiva registada ao nível das encomendas e da produção, a apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios continua a recuperar, superando as previsões formuladas no trimestre anterior, e situa-se agora ao nível mais favorável dos últimos dois anos: 70% das empresas dizem que o estado dos negócios é suficiente e o saldo entre as que dizem que é bom e mau atinge os 8 pontos percentuais.

Registou-se também uma ligeira melhoria na comparação que os inquiridos fazem entre o atual estado dos negócios e o registado no trimestre homólogo do ano anterior: no entanto, o respetivo saldo de respostas extremas mantém-se ainda negativo (-11%), refletindo alguma ambiguidade na apreciação da conjuntura.



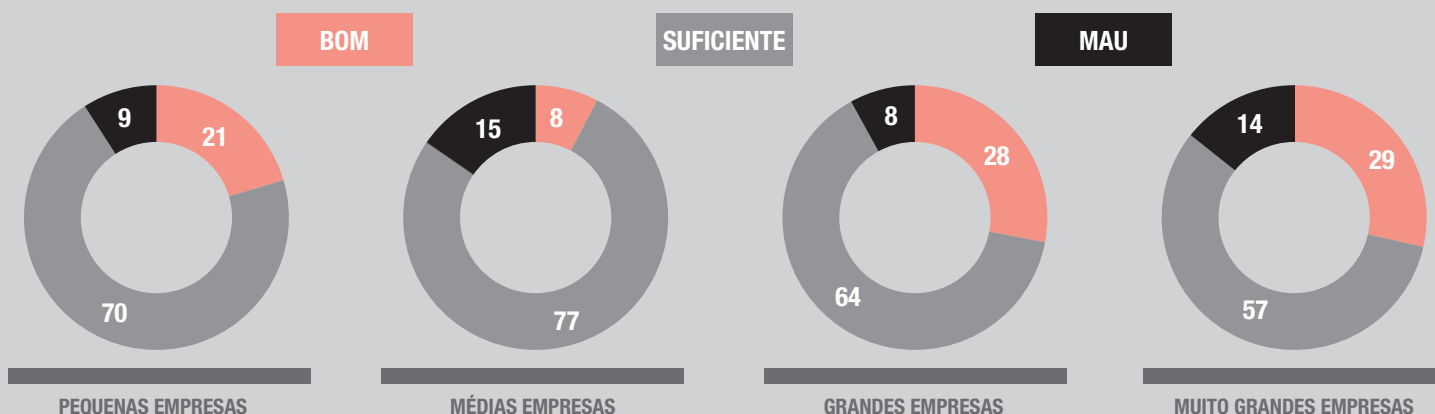
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

As empresas de média dimensão (50 a 100 trabalhadores) são a exceção à opinião positiva sobre o estado atual de negócios que predomina na indústria portuguesa de calçado, sendo as únicas que apresentam um s.r.e. negativo. Em termos de orientação de mercado, as empresas fortemente

exportadoras (75% a 95% de exportações no volume de negócios) são as que se mostram menos satisfeitas com a situação atual, enquanto as que se dedicam exclusivamente à exportação são as mais otimistas.



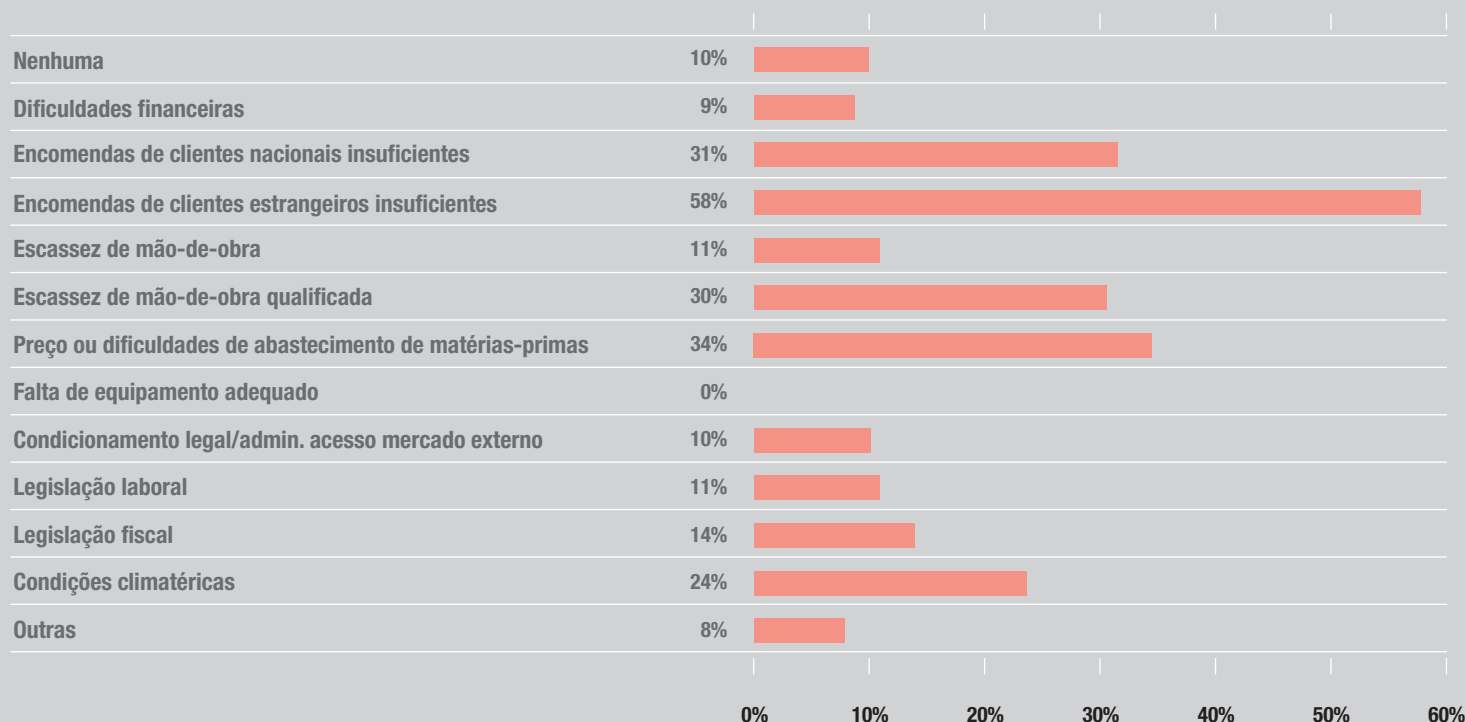
Limitações à produção

A ambiguidade na apreciação da conjuntura está também presente nas respostas dos inquiridos relativamente às principais limitações que enfrentam. Em sentido positivo, a percentagem de empresas que referem dificuldades financeiras reduziu-se de 13%, no segundo trimestre, para 9%, no terceiro. Em sentido contrário, a percentagem das que afirmam não enfrentar nenhuma dificuldade caiu para 10%, um mínimo histórico.

A liderar as preocupações empresariais surge, como habitualmente, a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, referida por 58% das empresas. Fruto da orientação exportadora da indústria, a insuficiência de encomendas de clientes nacionais preocupa menos empresas (31%). Em ambos os casos, houve um ligeiro aumento nas referências a estas preocupações, que são menos frequentes entre as empresas de maior dimensão. Na segunda posição entre as preocupações do setor surge o preço ou abastecimento de matérias-primas, referido por cerca de um terço dos inquiridos (34%), tal

como aconteceu no trimestre anterior. Pelo contrário, registou-se uma diminuição nas referências à escassez de mão-de-obra (de 17% para 11%) e de mão-de-obra qualificada (de 36% para 30%). Estas preocupações são relativamente transversais, surgindo de empresas com características muito variadas, mas nenhuma empresa com mais de 250 trabalhadores aludiu à escassez de mão-de-obra qualificada.

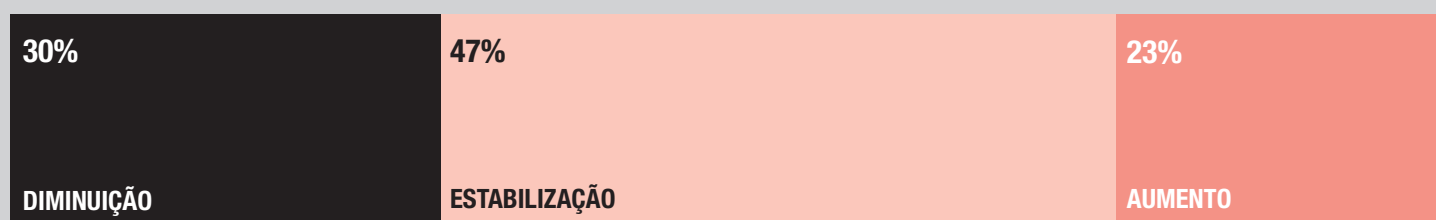
Entre os restantes fatores constantes no questionário, as referências às condições climatéricas prosseguiram a trajetória ascendente que têm apresentado ao longo do último ano, tendo atingido 24%, o que as posiciona na quinta posição entre as preocupações do setor. As referências à legislação fiscal (14%) e laboral (11%) diminuíram ligeiramente, mas verificou-se um forte aumento, de 5% para 10%, nas relativas a condicionamentos legais e administrativos de acesso a mercados externos. Continuaram também a aumentar as referências a “outros” fatores não especificados (8%).



Tendências da produção

Cerca de metade das empresas inquiridas (47%) preveem que, no último trimestre de 2019, o seu nível de produção permaneça inalterado. As previsões de aumento da produção são menos frequentes do que as de diminuição, sendo o saldo entre elas de -7 p.p. Apesar de negativo,

quando comparado com o registado no terceiro trimestre de anos anteriores, este é o saldo mais favorável dos últimos seis anos. As empresas de pequena dimensão estão mais otimistas do que as restantes, apresentando um s.r.e. nulo.

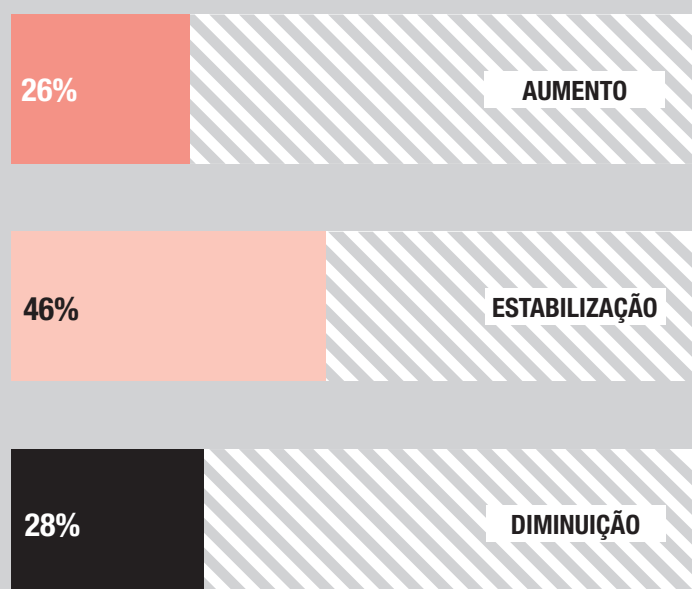


Perspectivas de encomendas

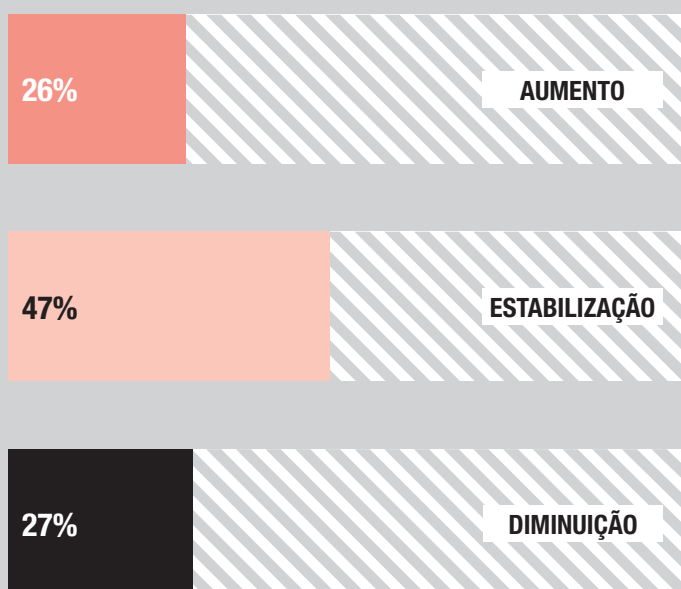
As perspetivas para a carteira de encomendas são de quase estabilidade, quer no mercado interno, quer nos mercados externos, não se tendo alterado significativamente face às formuladas no trimestre anterior: 46% dos inquiridos acreditam que a sua carteira global de encomendas permanecerá

inalterada, sendo o saldo de respostas extremas apenas ligeiramente negativo (-2 p.p.); os resultados para a carteira de encomendas do estrangeiro são muito semelhantes, com 47% de indicações de estabilidade e um s.r.e. de -1 p.p.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

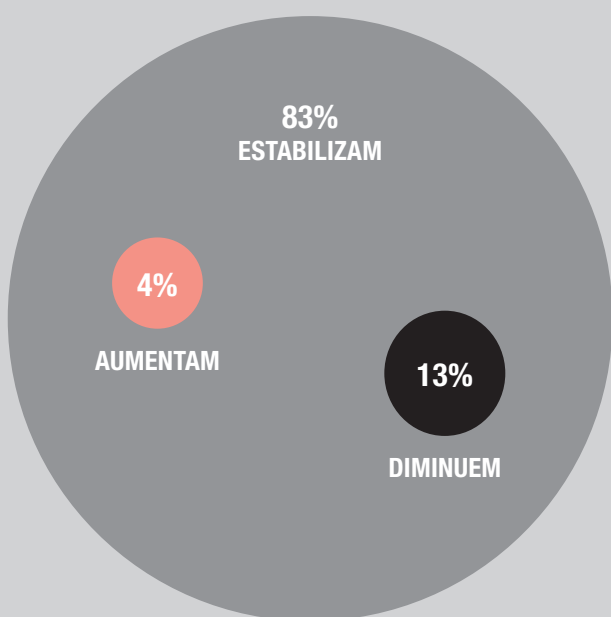


Perspetivas de preços de venda

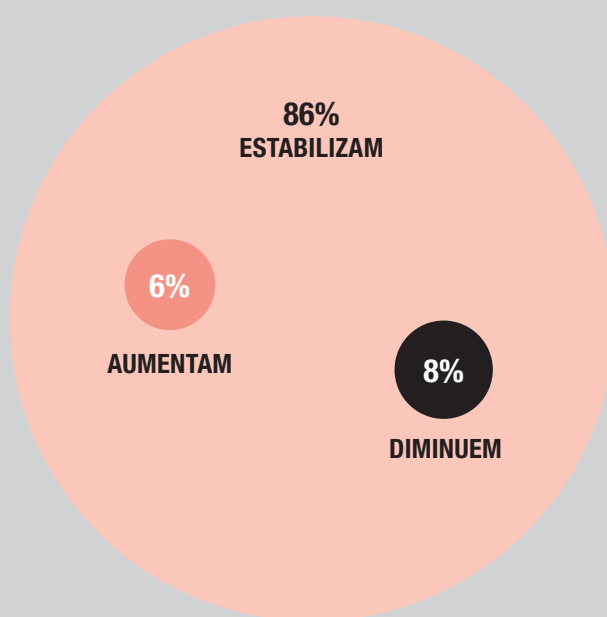
Ao contrário do que aconteceu no terceiro trimestre, as perspetivas para o final do ano apontam para uma tendência de descida dos preços, particularmente no mercado português: embora a larga maioria das empresas preveja a estabilidade dos preços (83% no mercado nacional e 86% nos mercados estrangeiros),

o saldo de respostas extremas é de -2 p.p. para os mercados estrangeiros e de -9 p.p. para o mercado português, os valores mais negativos dos últimos três anos. Estas perspetivas são comuns às empresas de quase todos os escalões de dimensão e orientação exportadora.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

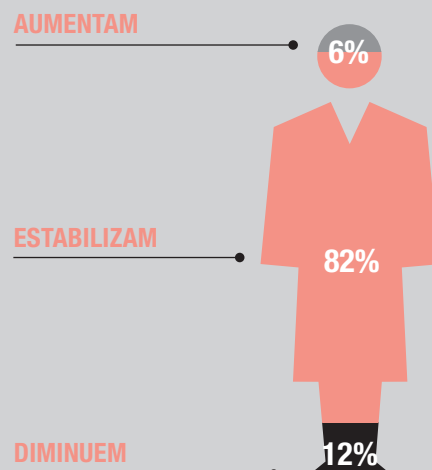


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



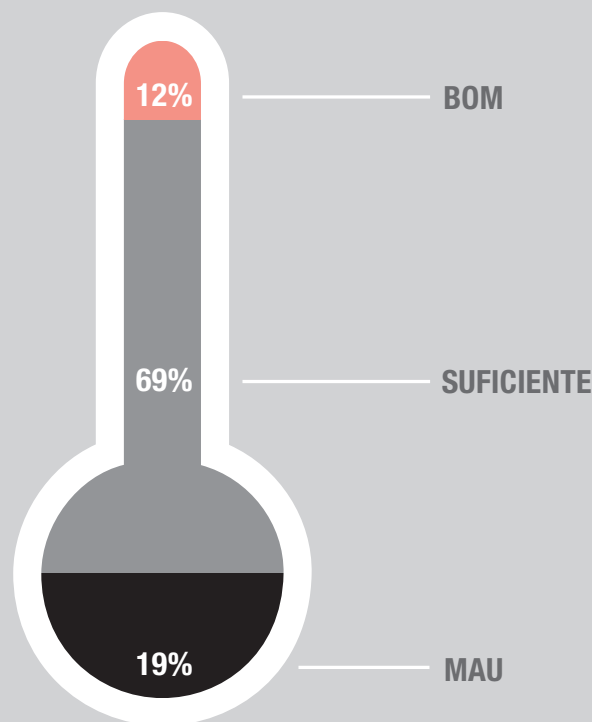
Perspetivas sobre o emprego

Quatro em cada cinco empresas (82%) preveem não alterar o número de pessoas ao seu serviço durante o último trimestre do ano. A tendência de evolução do emprego na indústria deverá, no entanto, ser ligeiramente negativa, uma vez que as empresas que preveem uma diminuição do número de pessoas ao seu serviço excedem em 6 pontos percentuais as que acreditam no seu aumento. Este saldo de respostas extremas é negativo para todos os escalões de dimensão dos inquiridos.



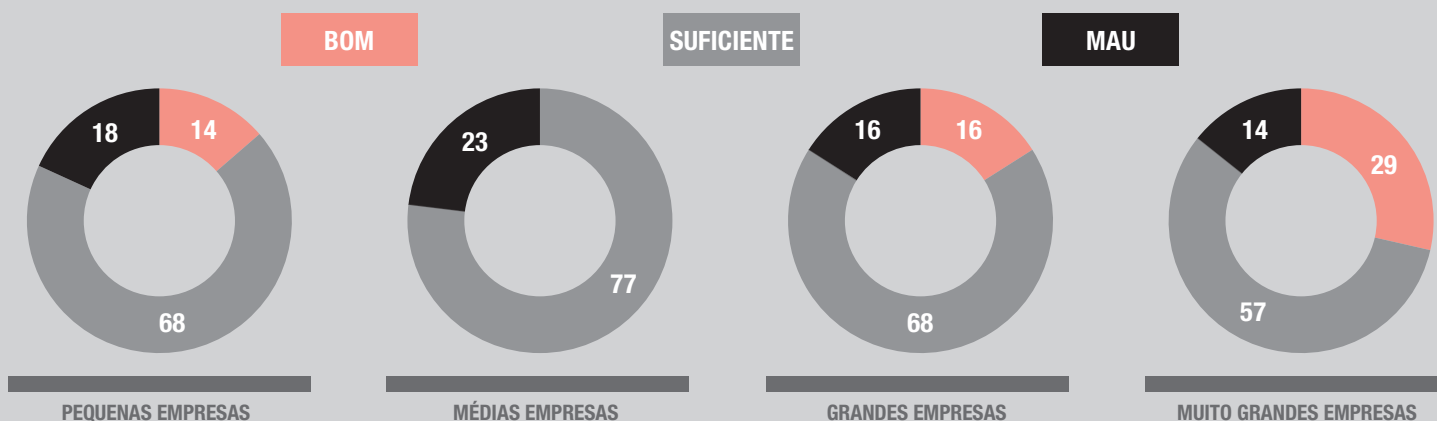
Perspetiva sobre o estado dos negócios

Mais de dois terços das empresas (69%) acreditam que o estado dos negócios no último trimestre de 2019 será suficiente e 12% julgam mesmo que será bom. No entanto, as que receiam que seja mau são em maior número (19%), gerando um s.r.e. negativo (-7 p.p.). O saldo é menos negativo no que respeita à comparação com o trimestre homólogo do ano anterior, sugerindo alguma tendência de recuperação da conjuntura: as empresas que julgam que o quarto trimestre de 2019 será pior do que o de 2018 excedem as que pensam que será melhor por apenas 3 p.p., o melhor resultado do último ano.



Apuramento dos resultados

As previsões para o estado dos negócios são tendencialmente mais favoráveis entre as empresas de maior dimensão: o s.r.e. é nulo para as empresas que têm 100 a 250 trabalhadores e claramente positivo para as que excedem esse limiar. É também mais favorável para as empresas totalmente exportadoras do que para os restantes escalões de orientação exportadora. Entre as empresas totalmente exportadoras, são também mais as que pensam que o final de 2019 será melhor do que o de 2018, do que as que acreditam no inverso.

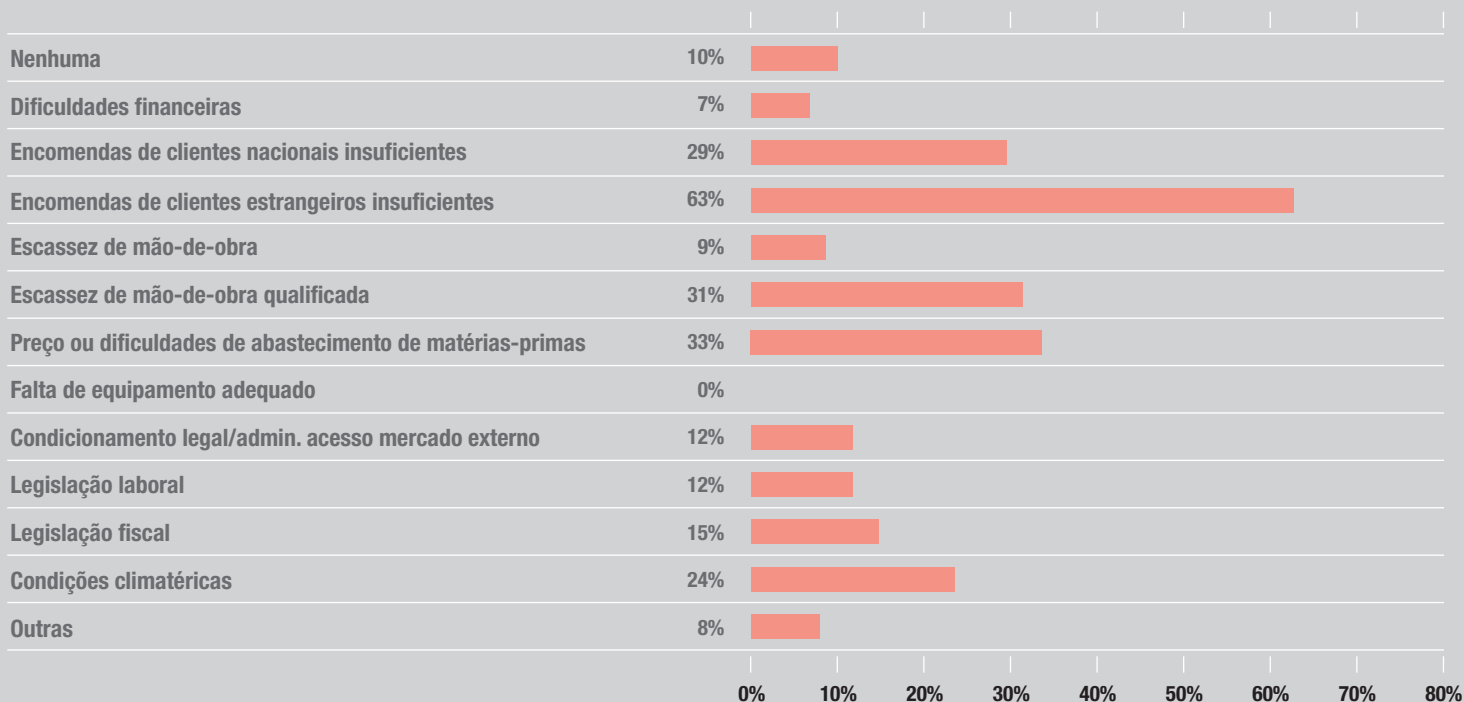


Limitações previstas

As limitações previstas pelas empresas para o último trimestre de 2019 dão indicações contraditórias quanto à evolução do mercado nacional e internacional. Quase dois terços das empresas (63%) preveem debater-se com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, o que corresponde a um acréscimo de 5 p.p. face ao registado no terceiro trimestre e se aproxima do nível mais elevado alguma vez atingido por este indicador. Em contrapartida, a percentagem

das que receiam insuficiência de encomendas de clientes nacionais (29%) fica 2 p.p. aquém da registada no trimestre anterior. No mercado de trabalho, apenas 9% das empresas esperam debater-se com escassez de mão-de-obra, menos 2 p.p. do que no terceiro trimestre, mas 31% receiam a escassez de mão-de-obra qualificada. As referências à legislação laboral atingem 11%, um ponto percentual mais do que no trimestre transato.

PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



Dos restantes fatores sobre que as empresas são inquiridas, as respostas mais relevantes são as relativas às dificuldades financeiras que apontam para uma melhoria da conjuntura setorial: apenas 7% das empresas preveem debater-se com esse tipo de dificuldade, o que é a previsão mais baixa do último ano e corresponde a uma diminuição de 2 pontos percentuais face ao verificado no terceiro trimestre.

Notas de Conjuntura

No World Economic Outlook de outubro, o Fundo Monetário Internacional reviu em baixa as suas previsões para a economia mundial.

“Depois de abrandar acentuadamente nos três últimos trimestres de 2018, o ritmo da atividade económica global permanece débil. O ímpeto da atividade industrial, em especial, enfraqueceu substancialmente, para níveis que não se viam desde a crise financeira global. As crescentes tensões comerciais e geopolíticas aumentaram a incerteza acerca do futuro do sistema comercial global e, mais em geral, da cooperação internacional, com impacto negativo na confiança empresarial, nas decisões de investimento e no comércio global. Uma notória viragem para uma reforçada política monetária acomodatória (...) amorteceu o impacto destas tensões na atividade e sentimento dos mercados financeiros, ao mesmo tempo que um setor terciário geralmente resiliente sustentou o crescimento do emprego. Ainda assim, as perspetivas permanecem precárias.

Prevê-se que o crescimento global para 2019 seja de 3,0%, o seu nível mais baixo desde 2008-09, correspondente a uma redução de 0,3 pontos percentuais face ao World Economic Outlook de abril de 2019. O crescimento deverá acelerar para 3,4% em 2020 (uma revisão em baixa de 0,2 pontos percentuais face a abril), refletindo sobretudo a prevista melhoria no desempenho económico de certos mercados emergentes da América Latina, do Médio Oriente e da Europa emergente e em desenvolvimento que enfrentam tensões macroeconómicas. No entanto, dada a incerteza acerca das perspetivas para vários destes países, o previsto abrandamento na China e nos Estados Unidos e os riscos predominantemente negativos, poderá materializar-se um ritmo da atividade global muito mais moderado. Para evitar esse cenário, as políticas devem ser decididamente orientadas para resolver as tensões comerciais, revigorar a cooperação multilateral e proporcionar apoio atempado à atividade económica, onde necessário. Para aumentar a resiliência, os políticos devem enfrentar as vulnerabilidades financeiras que ameaçam o crescimento a médio prazo. Tornar o crescimento mais inclusivo, o que é essencial para garantir melhores perspetivas económicas para todos, deve permanecer um objetivo central.”*

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, outubro 2019

As previsões do FMI para o crescimento dos principais mercados do calçado português são muito modestas, indiciando um contexto exigente para a expansão das exportações nacionais: em 2020, o conjunto da zona euro deverá crescer 1,4%, com a Espanha a crescer 1,8%, a Holanda 1,6%, a Alemanha 1,3%, a França 1,2% e a Itália 0%. Fora da zona euro, a economia americana deverá crescer um pouco mais, 2,1%, o Reino Unido 1,4% e o Japão apenas 0,5%.

Relativamente à Europa, a Comissão Europeia afirma, nas suas mais recentes previsões económicas:

“A economia europeia entrou num prolongado período de crescimento moderado e baixa inflação num contexto de elevada incerteza, um ambiente externo muito menos favorável, e alterações estruturais que afetam sobretudo o setor industrial. (...) Consequentemente, não é provável que a economia da UE, que abrandou no segundo trimestre de 2019, recupere no curto prazo.”

Comissão Europeia, European Economic Forecast. Autumn, novembro 2019

As perspetivas para a economia portuguesa são também de abrandamento. De acordo com as projeções divulgadas por diversas instituições, no passado mês de outubro ou já no início de novembro, o crescimento económico no corrente ano de 2019 deverá ser de 1,9% (Conselho das Finanças Públicas, Ministério das Finanças e FMI) ou 2,0% (Banco de Portugal e Comissão Europeia), consideravelmente abaixo dos 2,4% registados em 2018. Para 2020, o Conselho das Finanças Públicas, a Comissão Europeia e o FMI preveem que o crescimento abrande para 1,6% ou 1,7%, enquanto o Ministério das Finanças projeta que se mantenha em 2,0%. Para os anos seguintes, as projeções disponíveis apontam para um abrandamento adicional, para a ordem de 1,5% ao ano.

P O R T U
G U E S E
S H O E S

A P I C C A P S